

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL

Ricardo José Andrade Silva ¹

RESUMO

A obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras para os alunos do ensino fundamental e médio no país, estabelecida pela Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), evidencia o direito que todo brasileiro tem à plena cidadania que o mundo globalizado e poliglota de hoje exige quanto ao conhecimento e domínio sobre línguas estrangeiras. Porém, de acordo com recentes estudos e pesquisas, os brasileiros apresentam níveis de conhecimento e domínio sobre as línguas estrangeiras muito baixos, o que fere diretamente o direito a uma cidadania plena, além de evidenciar grandes problemas no processo do ensino das línguas estrangeiras no país. Diante tal realidade, esse estudo buscou identificar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, os principais elementos considerados por autores como Leffa (1999), Eco (2001), Biazotto (2004), Branco (2005), Coelho (2005), Turbin (2010) dentre outros, que precisam ser modificados no processo de ensino de línguas estrangeiras, para que o conhecimento e domínio adquiridos, possibilitem as condições necessárias à participação social efetiva. Pelo breve histórico sobre o ensino de línguas estrangeiras no país foi possível reconhecer que a utilização de diferentes critérios e metodologias de ensino não se mostraram eficientes. Além disso, elementos como falta de formação adequada dos docentes, carga horária das disciplinas insuficiente, falta de recursos necessários e o próprio desprestígio sobre essas disciplinas têm dificultado e até mesmo impedido a inserção de muitos no mercado de trabalho e no processo de participação social.

Palavras-chave: Línguas Estrangeiras, Metodologias de Ensino, Participação Social.

INTRODUÇÃO

A vida contemporânea, principalmente após o fenômeno conhecido como globalização, tem exigido em todos os seus níveis, pessoas habilitadas e comunicativas que possibilitem uma maior interação com a sociedade e nesse contexto, o conhecimento e domínio de diferentes línguas, que possibilitem a comunicação e as relações sociais se revertem em importante elemento diferencial. (GIRAUD, 2015).

Assim como a língua inglesa, a língua espanhola também possui grande importância, pois, além de ser a quarta língua mais falada no mundo, ela tem grande relevância ao Brasil por fazer fronteira com países que possuem essa língua e por estar inserido no Mercosul (OLIVEIRA, 2013).

¹ Mestre em Docencia Universitaria pela Universidad Tecnologica Nacional (UTN), Facultad Regional Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina. Bacharel em Direito e Licenciado em Letras e Pedagogia, Professor. E-mail: belricardo@hotmail.com.br.

Mas, de acordo com a pesquisa divulgada em abril de 2013 pela *Global English Corporation*, o conhecimento e domínio da língua inglesa, por exemplo, considerada como o idioma oficial do mundo dos negócios, é péssimo e insuficiente, pois os profissionais brasileiros apresentam um dos piores níveis de inglês do mundo; entre as 78 nações analisadas, o País ficou na 71ª colocação. Quanto à língua espanhola, o conhecimento e domínio dos brasileiros não pode ser avaliado, por não ter sido divulgada ou conhecida até a presente data, qualquer tipo de pesquisa que indique o Índice de Proficiência da população.

Já pela Pesquisa da EF (*Education First*), empresa de educação internacional, realizada em 2019, que buscou avaliar o nível de conhecimento da língua inglesa de 1,3 milhão de adultos de 88 países, onde esse não é o idioma materno, Brasil obteve a 53ª posição, considerado como o pior resultado dos últimos anos. Em relação ao nível de proficiência da língua espanhola, não foram encontrados estudos ou pesquisas que apontem o nível dos brasileiros.

É preciso ressaltar que o ensino de Língua Estrangeira tem um papel importante na formação dos alunos jovens e adultos, pois favorece a participação social, a partir da possibilidade de se compreender melhor o mundo, suas culturas, características e pessoas. (MEC, 2002).

Uma vez que o ensino de línguas estrangeiras oferecidos na educação básica e superior no Brasil não tem permitido fluência necessária para a conquista de espaço e atuação dos profissionais em ambientes cada vez mais exigentes, a proliferação de cursos particulares de idiomas tem sido uma realidade no país, porém, tal fato não contribui para o desenvolvimento social e nem para a diminuição da desigualdade social, por beneficiar somente uma parcela da população que tem a possibilidade de complementar os estudos ou se aprimorar em línguas estrangeiras.

Para se reverter essa situação, foi observado que inúmeras pesquisas e estudos sobre o ensino de línguas estrangeiras, apontam diversos problemas no processo de ensino, tais como as metodologias de ensino, a má formação dos docentes, a falta de recursos necessários, uma carga horária das disciplinas de língua estrangeira, insuficientes, dentre outros elementos.

Considerando o baixo nível de compreensão e domínio de línguas estrangeiras observado sobre a população brasileira, torna-se essencial refletir sobre o processo de ensino das línguas estrangeiras no Brasil, para identificar quais os elementos que precisam ser reavaliados para que haja uma melhora na qualidade do ensino que contribua na diminuição da desigualdade social no país, ao mesmo tempo que possibilite que os indivíduos sejam aceitos nos diversos ambientes de trabalho que requerem o conhecimento e domínio de língua estrangeira (SILVA; GÉNOVA, 2020).

Desta forma, justifica-se o estudo que possibilite identificar eventuais soluções para que haja uma melhora na qualidade do ensino de línguas estrangeiras, uma vez que o conhecimento e domínio de línguas estrangeiras propicia ao indivíduo, uma oportunidade maior de engajamento e interação no mundo social (acadêmico, científico, tecnológico, humano), bem como o desenvolvimento profissional, principalmente em períodos como os atuais em que a crescente internacionalização dos mercados tem exigido cada vez mais das nações a adotarem o uso de uma segunda língua (MINZON, 2009).

METODOLOGIA

Para conhecer as principais características do ensino da língua estrangeira no Brasil bem como os principais problemas já identificados por pesquisadores e estudiosos sobre o assunto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica, realizada “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (FONSECA, 2002, p. 32), trouxe diferentes trabalhos, sendo utilizados, para este estudo, autores como: Leffa (1999), Eco (2001), Biazotto (2004), Branco (2005), Coelho (2005), Turbin (2010), dentre outros.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em diferentes períodos da história, é possível identificar que determinadas línguas predominaram e/ou foram consideradas como sendo as principais como forma de comunicação entre os diferentes povos e civilizações.

Foi o que aconteceu com o Koinè (língua grega) no período em que a Civilização Grega apresentou grande expansão; o Latim, em consequência da expansão do Império Romano; o Italiano, por causa do comércio, arte e música, lideradas pelas cidades de Gênova e Veneza durante a Renascença; o Francês, que devido à importância cultural e intelectual, tornou-se a língua por excelência de toda a Europa no século XVII, e o Português, Espanhol e Inglês, línguas que devido às colonizações ocorridas por países como a Inglaterra, Portugal e Espanha, passaram a ter grande importância e utilização para o desenvolvimento mercantil e social. (ECO, 2001); (HIGOUNET, 2003).

Nos últimos séculos, o mundo observou a expansão da língua inglesa, que ocorreu em decorrência da Revolução Industrial ainda no final do século XVIII na Inglaterra (COELHO et

al, 2012) e principalmente, após o término da segunda guerra Mundial, em 1945, ocasião que os Estados Unidos passaram a ter grande poder econômico. (LACOSTE, 2005).

Conforme relata Siqueira (2008):

São muitas as razões da expansão do inglês em todo o mundo, podendo ser estas de cunho geográfico, histórico, político, econômico e sociocultural: colonialismo britânico, ascensão dos Estados Unidos como potência militar e econômica após a Segunda Guerra Mundial, desenvolvimento tecnológico, corporações transnacionais, imigrações, pós colonialismo, Hollywood e sua indústria de entretenimento, música popular internacionalizada (MTV, VH1), jornalismo global (CNN, BBC, Fox News, Al-Jazira), a internet, imperialismo linguístico, imperialismo cultural, globalização, dentre outras, tendo estes fenômenos a Inglaterra ou os Estados Unidos como centros geradores e propagadores em momentos históricos diferentes (SIQUEIRA, 2008, p.16-17).

Espalhada pelo mundo por várias razões como: relações comerciais; estudos e pesquisas humanas, mídia e publicidade, entre outros, a língua inglesa é utilizada por grande parte da humanidade para comunicação de uma forma geral, sendo necessária ainda em atividades nas áreas da tecnologia, ciência e entretenimento.

Nesse cenário, a utilização da Língua Inglesa vem se tornando um pré-requisito em relação ao mundo, à sociedade e nossa identidade, como afirma Rocha (2001):

A crescente internacionalização dos mercados levou as nações a adotarem o Inglês como o idioma oficial do mundo dos negócios e considerando a importância econômica do Brasil como país em desenvolvimento, dominar o Inglês se tornou sinônimo de sobrevivência e integração global. O aprendizado do Inglês abre as portas para o desenvolvimento pessoal, profissional e cultural. O mercado atualmente considera um requisito básico no momento da contratação que o candidato domine o Inglês. (ROCHA, 2001, p.1).

Além do inglês, outra língua se destaca no cenário mundial pelo número de pessoas falantes e pela quantidade de países que a possuem como língua mãe: trata-se do espanhol.

Desde o início da década de 1990 percebe-se que houve um crescimento expressivo de interesse nessa língua e um dos principais fatores que contribuíram para esse crescimento foi a expansão das relações comerciais entre Brasil e países Latino Americanos (falantes de Espanhol), em outras palavras, devido ao MERCOSUL, criado em 1991 com o objetivo de abrir caminhos para a constituição de um mercado comum entre os países membros: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e postumamente a adesão da Venezuela. (ARAUJO, 2012).

Outro fator importante que a língua espanhola vem adquirindo nas últimas décadas para o Brasil está associado às empresas e instituições espanholas estabelecidas no país.

Com a valorização da língua espanhola para a realidade brasileira, seu conhecimento e domínio começou a ser valorizado em currículos profissionais e conseqüentemente o idioma passou a ser incluído nos currículos de vários cursos de nível superior, bem como na grade curricular do Ensino Fundamental e Médio de muitas instituições de ensino privado e público,

após a Lei 11.161/2005, que tornou obrigatória a oferta do espanhol nas escolas de Ensino Médio. (BRASIL, 2005).

Porém, com a revogação da Lei 11.161/2005, em 2017, pela Lei 13.415, o ensino da língua espanhola deixou de ser obrigatório, tornando-se optativo, o que, na opinião de Cintra Xavier et al (2020):

[] não somente prejudica os professores e graduandos de espanhol mas, principalmente, os estudantes de escolas públicas que perdem a oportunidade de aprender mais uma língua estrangeira, o que vai de encontro com a educação plurilíngue, democrática e vistas à formação para a cidadania. (CINTRA XAVIER et al, 2020, p.1437).

Na história da educação no Brasil, a preocupação com a aprendizagem de línguas sempre esteve presente, quer seja pela transmissão da língua portuguesa aos nativos, quer se seja pelo ensino de línguas como o francês, latim e o inglês, utilizadas e necessárias a todas as relações sociais e mercantis com outros países em determinadas épocas.

Em 1809, Dom João VI decretou a implantação do ensino de duas línguas estrangeiras no ensino Brasileiro: a língua inglesa e a francesa, escolhidas estrategicamente, visando às relações comerciais que Portugal mantinha com a Inglaterra e a França. (CHINA, 2008).

Enquanto o Francês correspondia à língua das elites, embora não representasse a cultura de um país aliado político do Brasil, a obrigatoriedade do ensino da língua inglesa representava os tratados de Aliança, Comércio e Navegação entre Brasil e Inglaterra, que viriam a se concretizar em 1810. (CELANI, 2000).

Quanto à metodologia do ensino da língua estrangeira, desde a implantação dessa matéria no Brasil, em diferentes épocas e situações, foram utilizadas diferentes metodologias e abordagens.

O primeiro método utiliza para o ensino da língua estrangeira no Brasil foi o Método Tradicional, também conhecido como gramática-tradução, historicamente, a primeira e mais antiga metodologia que servia para ensinar as línguas clássicas como grego e latim. (LEFFA, 1988).

De acordo com Richards e Rodgers (2011), nesse método, a gramática é ensinada de forma dedutiva, ou seja, o professor apresenta o ponto gramatical de forma sistematizada, utilizando a língua materna como meio de instrução, e, em seguida, os alunos praticam as regras gramaticais através de exercícios de tradução.

Outro método utilizado foi o Direto, processo pelo qual o ensino de Língua Estrangeira deveria ocorrer exatamente como a língua materna é ensinada, ou seja, de forma natural e subconsciente, sem a explicação de regras gramaticais. Desta forma, o processo de aprendizagem ocorre diretamente na língua alvo e seu objetivo é desenvolver no aluno a

capacidade de pensar na língua alvo desde o início do curso. (HOWATT e WIDDOWSON, 2004). A implementação do Método Direto para o ensino da língua inglesa não obteve êxito na maior parte das escolas devido à ausência de professores nativos ou que tivessem um nível de fluência suficiente para gerir uma aula seguindo os requerimentos do método.

Com o advento da segunda guerra mundial e a necessidade de se aprender e dominar línguas estrangeiras, foi desenvolvida uma nova metodologia de ensino: a áudio oral ou Audiolingual, cujos princípios baseavam-se no fato de que a língua é fala e não escrita, dando ênfase, dessa forma, na língua oral, em detrimento da língua escrita. (JALIL e PROCAILO, 2009).

Em meados da década de 1970, época em que as pesquisas apontavam um mau êxito dos alunos em relação ao conhecimento e domínio da língua estrangeira, surgiu uma nova proposta para o ensino que possibilitasse refletir sobre o uso da língua em contextos reais de comunicação, utilizando dessa forma uma Abordagem Comunicativa. (SANTOS, 2012).

A abordagem comunicativa caracteriza-se por ter o foco no sentido, no significado e na interação propositada entre os sujeitos que estão aprendendo uma nova língua, em outras palavras, por essa abordagem, as frases feitas e sem sentido ou aplicação na realidade, passam a ser substituídas por frases com significações reais, presente nos diálogos entre os indivíduos. Assim, ao invés de se priorizar o conhecimento aprofundado na gramática, é a competência comunicativa que passa a ser o objetivo. (DEO e DUARTE, 2004).

Na Abordagem Comunicativa, conforme afirmam Richards e Rodgers (2011), a aprendizagem de uma segunda língua deve ocorrer em um processo gradual que envolva o uso criativo da língua, tentativas e erros, que são considerados parte natural do processo de aprendizagem e, portanto, não necessitam de correções imediatas, fato esse visto como negligência, uma vez que pode prejudicar a noção do aluno do que é apropriado ou não no uso da língua em determinados contextos sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando as diferentes abordagens do ensino da língua inglesa no Brasil, é possível verificar uma sequência de tentativas frustradas de se transmitir as reais necessidades dos aprendizes, pois se em determinados momentos o foco era a gramática sem a preocupação sobre o real entendimento e colocação dos vocábulos em um processo real de comunicação, em outras ocasiões houve a valorização da língua oral em detrimento às suas regras gramaticais, o que

tem prejudicado e muito o nível de conhecimento e domínio da língua estrangeira (ALMEIDA FILHO, 2003).

Mas o ensino de línguas estrangeiras não depende somente de métodos e técnicas. Se faz necessário avaliar outros elementos que compõem esse processo, como a formação dos professores de línguas estrangeiras no país, os recursos disponíveis para a prática do ensino, o conteúdo a ser ensinado, dentre outros fatores.

Os diversos estudos já realizados, com o objetivo de identificar as causas da atual situação precária sobre o ensino da língua estrangeira no país, como os realizados por Biazotto (2004), Branco (2005), Coelho (2005), Turbin (2010), apresentam diversos fatores como sendo responsáveis por tal situação, tais como: má formação do docente; práticas pedagógicas ineficientes; falta de estruturas e recursos educacionais; desigualdades sociais; falta de compreensão de como se processa a aprendizagem; grades curriculares nos cursos de Letras deficientes, o número grande de alunos por turma, número reduzido de horas aulas semanais, falta de recursos didáticos e até a indisciplina dos alunos.

Uma vez que o nível do ensino de línguas estrangeiras na educação pública tem apresentado resultados que apontam grandes deficiências e problemas em todo o processo de ensino e aprendizagem, a solução para uma pequena parcela da população está na busca de cursos particulares de idiomas, que possuem como objetivo capacitar os alunos a se comunicarem corretamente com pessoas e empresas de diferentes países, que adotem aquela língua estudada como a, ou uma das, línguas nacionais. (FERREIRA, 2002).

É preciso ressaltar ainda que os cursos particulares de idiomas apresentam características diferenciadas das instituições de ensino públicas, como a quantidade de alunos por sala, a carga horária das aulas, os recursos áudio visuais, dentre outros elementos contribuem para que os resultados obtidos no processo de ensino com essas instituições sejam melhores.

Porém a solução não é considerar um curso adicional de línguas que fomenta a desigualdade social. É preciso que haja um ensino público, regular, de qualidade que garanta maior proficiência por parte dos alunos, principalmente aos que não possuem condições financeiras para complementarem um estudo que já deveria ser de qualidade em sua forma original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das muitas consequências do fenômeno da globalização foi a necessidade de se conhecer e dominar diferentes idiomas, para todos os contatos e relações mundiais. Nesse sentido, aprender um segundo e até um terceiro idioma tornou-se uma estratégia diferencial para aqueles que se preparam para ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente e, ainda, para profissionais de diversas áreas.

Apesar do ensino de línguas estrangeiras estar presente no país, desde o período da colonização e tendo passado por inúmeras mudanças ao longo do tempo quanto a metodologias e processos de ensino, a realidade encontrada nos resultados de diversas pesquisas e estudos apontam uma deficiência muito grande da população brasileira em geral, quanto ao conhecimento e domínio sobre as línguas estrangeiras.

Ao consultar diversos trabalhos e pesquisas já realizadas sobre os possíveis fatores ou elementos responsáveis pelo baixo nível do ensino de línguas estrangeiras no Brasil, foi possível reconhecer que dentre os diversos elementos apontados, a metodologia de ensino, a má formação do docente, a falta de estrutura e/ou recursos necessários, a baixa carga de aulas são os itens que mais contribuem para o baixo nível de proficiência em língua estrangeira.

Para que o ensino possa garantir o direito dos indivíduos à participação social e cidadania, o nível de ensino oferecido no sistema educacional precisa melhorar em vários aspectos, pois a atual situação tem prejudicado grande parcela da população que não possui condições para complementarem seus estudos ou frequentarem um curso particular de idiomas, que contribui para um crescimento pessoal e profissional, em diferentes áreas.

Ainda, com base na pesquisa realizada é possível destacar, dentre as inúmeras ações possíveis que contribuiriam para o melhoramento do ensino de línguas estrangeiras no Brasil, as seguintes ações:

- O ensino das línguas estrangeiras deve considerar o mesmo grau de importância sobre a oralidade e à gramática, pois o desconhecimento ou falta de domínio tanto de um quanto de outro, sem dúvida, produzirá um conhecimento parcial e insuficiente sobre a língua.
- Existe a necessidade de se repensar nas metodologias de ensino a serem praticadas, para que seja garantido um ensino contextualizado em que os indivíduos compreendam na prática as informações recebidas. O ato de contextualizar está diretamente relacionado com o ato de entender, conformar, adaptar ou rejeitar uma ideia, conceito, atividade ou procedimento, a um contexto cultural imediato. A incapacidade ou dificuldade que as pessoas têm em contextualizar está diretamente

relacionada à falta de compreensão nos processos de comunicação, principalmente quando essa ocorre de forma escrita.

- O conteúdo das disciplinas de línguas estrangeiras estabelecidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, precisa ser reavaliado pois, pelos apontamentos levantados, existe um questionamento muito grande de que a quantidade de horas estabelecidas para o ensino de línguas estrangeiras é insuficiente para que seja garantido um ensino de maior conteúdo e qualidade.
- Os professores de línguas estrangeiras precisam de aprimoramentos e atualizações para garantirem uma aprendizagem melhor. Dentre esses aprimoramentos necessários, o conhecimento em informática, internet e telecomunicações, que possibilitam inúmeras técnicas e procedimentos de ensino e prática se torna uma exigência. Mas esses recursos precisam estar disponíveis.

Espera-se que os apontamentos deste estudo possam contribuir no direcionamento de docentes e instituições educacionais, quanto ao ensino de línguas estrangeiras que possibilite maior participação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Ontem e hoje no ensino de línguas no Brasil. In STEVENS & CUNHA (orgs.). **Caminhos e Colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

ARAUJO, Catya Marques A. de. O ensino de espanhol no brasil: história de um processo em construção. **IX SEPECH – Seminário de Pesquisas em Ciências Humanas** – UEL: Londrina 2012. Disponível em <www.uel.br/eventos/sepech/sepech12/arqtxt/PDF/catyamarques.pdf> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

BELLOTTO, Manoel Lelo. A Imigração Espanhola no Brasil. Estado do fluxo migratório para o Estado de São Paulo (1931-1936). **E.I.A.L.v. 3**, n.2 julho /dez. 1992. Disponível em: Acessado em: 07/01/2012

BIAZZOTO, Vera Lúcia Aparecida. **Eu já dou aulas de inglês!** A formação do aluno-professor no curso de Letras. 2004. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2004.

BRANCO, Ademar Soares Castelo. **Representações sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa de alunos iniciantes de um curso de Letras**. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

BRASIL. **Lei Nº. 11.161, de 05 de agosto de 2005.** Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111161.htm>, acesso em 12 de agosto de 2016.

BRASIL, **Lei No. 13.415 de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e 11.494, de 20 de junho 2007, Revoga a Lei 11.161 de 05 de agosto de 2005. D.O.U. de 17.02.2017. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art22>, acesso em 12 de agosto de 2021.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Coord. Geral da EJA. **Língua Estrangeira Língua Estrangeira na Educação de Jovens e Adultos na Educação de Jovens e Adultos,** 2002. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2_linguaestrangeira.pdf>, acesso em 12 de agosto de 2021.

CELANI, M. A. A. Ensino de Línguas Estrangeiras no Império: o que mudou? In: BRAIT, B. e BASTOS, N. (Orgs). **Imagens do Brasil 500 anos.** São Paulo: Educ, 2000. p. 221-247

CHINA, Anna Patrícia Zakem. **A trajetória do ensino de Inglês como língua estrangeira no Brasil:** considerações sobre metodologias, legislação e Formação de professores. Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro Universitário Moura Lacerda: Ribeirão Preto, 2008. Disponível em <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp080622.pdf>> Acesso em 12 de janeiro de 2016.

CINTRA XAVIER, R. Y., OLIVEIRA PONTES, C. N., COLEN MENICONI, F.; SILVA FEITOSA, D. A lei nº 13.415/2017 e o apagamento da disciplina de língua espanhola dos currículos das escolas públicas de alagoas. **EDUCTE: Revista Científica Do Instituto Federal De Alagoas,** 11(1), 1425-1450. Disponível em <<https://periodicos.ifal.edu.br/educte/article/view/1634>>, acesso em 12 de agosto de 2021.

COELHO, Hilda Simone Henriques. **"É possível aprender inglês na escola?"** Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2005. Disponível em <www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-6ACG69>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

COELHO, Sandra; AVELAR, Katia Eliane Santos; NOVAES, Ana Maria Pires; MIRANDA, Maria Geralda. A emergência da língua inglesa como reflexo da hegemonia americana na economia mundial. **Revista Digital Spacios.** Vol. 34, 2013. Disponível em <www.revistaespacios.com/a13v34n02/13340207.html>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

COSTA, Edimilson. **A globalização neoliberal e os novos fenômenos do capitalismo contemporâneo**. Síntese da tese de pós-doutorado, UNICAMP, 2002. Disponível em <www.cefetsp.br/edu/eso/fausto/globalizacao2.pdf> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

DEO, Aldisnéia Santos Rossi De; DUARTE, Luiza Maria. Análise de livro didático: as diversas abordagens e métodos aplicados ao ensino de língua estrangeira. **Revista Eletrônica Unibero de Produção Científica**, set. 2004. Disponível em http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/Set04_Artigos/> Acesso em 11 de janeiro de 2016.

ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 2001

EDUCATION FIRST. **EF EPI - Índice de Proficiência em Inglês da EF**. Um ranking de 100 países e regiões por domínio da língua inglesa, 2019. Disponível em <<https://www.ef.com.br/epi/>>, acesso em 12 de agosto de 2021.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. El Español en Brasil. In: SEDYCIAS, João. (Org.). **O Ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, 18-24 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 28.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIRAUD, Ana Claudia B. Globalização e linguagem: qual é o lugar da língua francesa no mundo globalizado? *Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 22, n. 31, p. 319-344, janeiro-junho, 2015. Disponível em <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/2172>>, acesso em 12 de agosto de 2021.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10ª edição - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HOWATT, A. P. R.; WIDDOWSON, H. G. **A history of English language teaching**. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2004.

JALIL, Samira Abdel; PROCAILO, Leonilda. Metodologia de ensino de línguas estrangeiras: perspectivas e reflexões sobre os métodos, abordagens e o pós-método. **IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE: PUC – Curitiba**, 2009. Disponível em <pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2044_2145.pdf>. Acesso em 12 de janeiro de 2016.

LACOSTE, Y. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Y. (Org.). **A Geopolítica do Inglês**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

_____. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**, APLIESP, n.4, p.13-24, 1999. Disponível em: acesso em: 10/02/2012

MINZON, Sheyla Guimarães. **A importância da língua inglesa nos cursos de qualificação na área de petróleo e gás**. Monografia apresentada à Universidade Candido Mendes: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k209116.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

OLIVEIRA, Dean Gomes. A influência da língua espanhola no âmbito educacional: um enfoque sobre o Mercosul. **Anais: 5º. ENIEDUC**, 2013. Disponível em <http://www.fecilcam.br/anais/v_enieduc/data/uploads/geo/trabscompletos/geo07616115926.pdf>, acesso em 12 de agosto de 2021.

RICHARDS, Jack C and RODGERS, Theodore S. **Approaches and Methods on Language Teaching**. 2nd edition. Cambridge University Press 2011

ROCHA, Denise Farias. **A importância do inglês no Mundo**. Artigo publicado para a Universidade Católica de Goiás, 2001. Disponível em: <www2.ucg.br/flash/artigos/AImportanciaIngles.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2016.

SANTOS, Cintia Dias Rodrigues. **Concepções de professores em formação sobre o ensino de gramática em língua inglesa**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Metodista de Piracicaba, 2012. Disponível em <www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/21062013_112845_cintiadias.pdf> Acesso em 10 de janeiro de 2016.

SILVA, Ricardo José Andrade et al.. **Os fatores que possibilitam aos professores de inglês do curso de letras, formarem profissionais críticos e que aperfeiçoem o processo de ensino e aprendizagem**. Avaliação: Processos e Políticas – Volume 01. Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 2935-2954. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65537>>. Acesso em: 12/08/2021.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. **Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2008. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11607>> Acesso em 11 de janeiro de 2016.

TURBIN, Ana Emília Fajardo. **Das lamentações às realizações possíveis: um estudo de caso com professores de inglês da rede pública de São Paulo**. Tese de Doutorado apresentada à USP: São Paulo, 2010. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11062010-153309/pt-br.php>. Acesso em 09 de janeiro de 2016.